

IDEAU

**NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO MÉDICA: REFORMAS CURRICULARES E METODOLOGIAS DE ENSINO EM DEBATE**

**NEOLIBERALISM AND MEDICAL EDUCATION: CURRICULAR REFORMS AND TEACHING METHODOLOGIES UNDER DEBATE**

**NEOLIBERALISMO Y EDUCACIÓN MÉDICA: REFORMAS CURRICULARES Y METODOLOGÍAS DOCENTES A DEBATE**

**Lucas Vieira**

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino nas Ciências da Saúde, Faculdades Pequeno Príncipe, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: [lucas.vieira@universo.univates.br](mailto:lucas.vieira@universo.univates.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3544-1100>

**Lauren Waiss da Rosa**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: [lwrosa@univates.br](mailto:lwrosa@univates.br) Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9493-0420>

**Leide da Conceição Sanches**

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, Faculdade Pequeno Príncipe, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: [leide.sanches@professor.fpp.edu.br](mailto:leide.sanches@professor.fpp.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5832-7132>

**RESUMO**

Este artigo examina a influência do neoliberalismo na educação, com ênfase nas políticas e práticas educacionais. O neoliberalismo, que ganhou destaque nas décadas de 1980 e 1990, promove a descentralização, a orientação para resultados e a mercantilização de áreas sociais, impactando significativamente a educação pública. A análise aborda as reformas curriculares e metodológicas no ensino superior, especialmente na formação médica, onde metodologias ativas como a Aprendizagem Baseada em Problemas e a Aprendizagem Baseada em Equipes foram adotadas. Essas mudanças refletem a necessidade de alinhar a formação acadêmica às exigências do mercado de trabalho, mas também apresentam desafios, como a falta de investimentos adequados em infraestrutura e formação de professores. O estudo destaca os impactos do neoliberalismo na educação, como a perpetuação das desigualdades sociais e a responsabilização individual pelo fracasso escolar, ignorando fatores estruturais. A mercantilização da educação privilegia habilidades técnicas em detrimento de uma formação integral e humanística, aumentando as

---

Submitted on: 17.07.2024 | Accepted on: 07.08.2024 | Published on: 08.15.2024

desigualdades e restringindo o acesso à educação de qualidade. No contexto da educação médica, as políticas neoliberais têm moldado a formação e prática profissional de maneiras que podem comprometer a qualidade do atendimento e a ética profissional. Conclui-se que é essencial promover um equilíbrio entre eficiência e equidade na educação, assegurando que a formação educacional valorize a qualidade, a ética e o compromisso social. A educação deve ser vista como um direito fundamental e um meio de promover a cidadania e a igualdade social.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo. Educação. Formação Médica. Ensino.

### **ABSTRACT**

This article examines the influence of neoliberalism on education, with an emphasis on educational policies and practices. Neoliberalism, which gained prominence in the 1980s and 1990s, promotes decentralization, results orientation and the commodification of social areas, significantly impacting public education. The analysis addresses curricular and methodological reforms in higher education, especially in medical training, where active methodologies such as Problem-Based Learning and Team-Based Learning have been adopted. These changes reflect the need to align academic training with the demands of the job market, but they also present challenges, such as the lack of adequate investment in infrastructure and teacher training. The study highlights the impacts of neoliberalism on education, such as the perpetuation of social inequalities and individual responsibility for school failure, ignoring structural factors. The commercialization of education favors technical skills to the detriment of comprehensive and humanistic training, increasing inequalities and restricting access to quality education. In the context of medical education, neoliberal policies have shaped professional training and practice in ways that can compromise the quality of care and professional ethics. It is concluded that it is essential to promote a balance between efficiency and equity in education, ensuring that educational training values quality, ethics and social commitment. Education must be seen as a fundamental right and a means of promoting citizenship and social equality.

**Keywords:** Neoliberalism. Education. Medical Training. Neoliberalism. Teaching.

### **RESUMEN**

Este artículo examina la influencia del neoliberalismo en la educación, con énfasis en las políticas y prácticas educativas. El neoliberalismo, que ganó importancia en las décadas de 1980 y 1990, promueve la descentralización, la orientación a resultados y la mercantilización de las áreas sociales, lo que impacta significativamente la educación pública. El análisis aborda reformas curriculares y metodológicas en la educación superior, especialmente en la formación médica, donde se han adoptado metodologías activas como el Aprendizaje Basado en Problemas y el Aprendizaje Basado en Equipos. Estos cambios reflejan la necesidad de alinear la formación académica con las

demandas del mercado laboral, pero también presentan desafíos, como la falta de inversión adecuada en infraestructura y formación docente. El estudio destaca los impactos del neoliberalismo en la educación, como la perpetuación de las desigualdades sociales y la responsabilidad individual por el fracaso escolar, ignorando factores estructurales. La mercantilización de la educación favorece las habilidades técnicas en detrimento de la formación integral y humanística, aumentando las desigualdades y restringiendo el acceso a una educación de calidad. En el contexto de la educación médica, las políticas neoliberales han moldeado la formación y la práctica profesional de maneras que pueden comprometer la calidad de la atención y la ética profesional. Se concluye que es fundamental promover el equilibrio entre eficiencia y equidad en la educación, logrando que la formación educativa valore la calidad, la ética y el compromiso social. La educación debe verse como un derecho fundamental y un medio para promover la ciudadanía y la igualdad social.

**Palabras clave:** Neoliberalismo. Educación. Entrenamiento médico. Neoliberalismo. Enseñando.

## 1 INTRODUÇÃO

O neoliberalismo, enquanto conjunto de políticas sociais e econômicas, tem exercido profunda influência em diversos setores sociais, incluindo a educação. Caracterizado pela ênfase no livre mercado, desregulamentação e redução do papel do Estado, o neoliberalismo ganhou proeminência global nas décadas de 1980 e 1990, sob a liderança de figuras como Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Esta prática propõe que o bem-estar humano é melhor alcançado através da liberação das liberdades e habilidades empresariais individuais, dentro de uma estrutura de fortes direitos de propriedade privada, livre mercado e livre comércio (Harvey, 2008).

No contexto educacional, o neoliberalismo promove a descentralização, a orientação para resultados e a mercantilização de áreas sociais, impactando significativamente as políticas e práticas educacionais. A hegemonia neoliberal, conforme argumenta Marrach (1996), retira da educação pública seu potencial educativo e democrático, substituindo-o por um modelo de gestão orientado pela eficiência e competitividade. As políticas educacionais neoliberais não apenas reformulam o currículo e a metodologia de ensino, mas também influenciam a

formação profissional, particularmente nas áreas da saúde e educação, promovendo uma pedagogia das competências alinhada às demandas do mercado.

Para entender a relevância e o impacto do neoliberalismo na educação, é essencial considerar os estudos que discutem essa relação. Harvey (2008) argumenta que o neoliberalismo emergiu como resposta à crise econômica dos anos 1970, substituindo as políticas keynesianas de intervenção estatal por políticas que promoviam a desregulamentação, privatização e a retirada do Estado das esferas econômicas. Essa transição reflete-se nas políticas educacionais, onde a eficiência, a competitividade e a responsabilidade individual são enfatizadas em detrimento da equidade e do bem-estar coletivo.

Especificamente na educação pública, Marrach (1996) observa que as reformas neoliberais frequentemente resultam em uma gestão que foca na descentralização e na orientação para resultados, promovendo a mercantilização das áreas sociais. Santos *et al.* (2022) destacam como a Nova Gestão Pública (NGP) e as políticas baseadas em meritocracia e avaliações padronizadas têm transformado as carreiras docentes na América Latina, promovendo um modelo de regulação neoliberal que muitas vezes desconsidera as desigualdades socioeconômicas.

Biesta (2014) já apresentava sinais sobre o hiperfoco da valorização de dados na educação, nas palavras do autor, valoriza-se nos territórios educacionais somente aquilo que se pode medir, gerando a proliferação da supervalorização da cultura de dados, processos este que desdemocratiza e reduz o sentido da educação. Para Barbosa (2020), o neoliberalismo incentiva um afastamento entre educação e democracia, uma vez que, empreende valores da economia e do mercado nos processos da vida humana, resultando na formação do *Homus Economicus*, empreendedor de si, baseado em uma lógica utilitarista de mercado, voltado para a formação produtiva e competitiva, valorada pelas quantificações da experiência de vida.

Este artigo, portanto, explora os impactos ideológicos do neoliberalismo na educação, com foco nas reformas curriculares e metodológicas no ensino superior, especialmente na formação médica. A adoção de metodologias ativas

de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e a Aprendizagem Baseada em Equipes (TBL), reflete as influências neoliberais e os desafios impostos pela necessidade de alinhar a formação acadêmica às exigências do mercado de trabalho. Embora essas metodologias tenham sido adotadas para formar profissionais mais adaptáveis e preparados para resolver problemas, elas também trazem desafios significativos, como a necessidade de investimentos contínuos em infraestrutura e formação de professores, muitas vezes não atendidos adequadamente, especialmente em instituições públicas (Campos, 1999).

A análise também aborda a mercantilização da educação e suas consequências. Firmino (2022) argumenta que o neoliberalismo molda as relações sociais, políticas e econômicas, afetando diretamente o ambiente escolar ao responsabilizar o indivíduo pelo fracasso escolar e ignorar os fatores estruturais e sociais que contribuem para essa realidade. A visão mercantilizada da educação privilegia habilidades técnicas e conhecimentos específicos em detrimento de uma formação integral e humanística, aumentando as desigualdades sociais e restringindo o acesso à formação de qualidade a indivíduos de classes socioeconômicas mais altas.

Além disso, Costa *et al.* (2021) analisam como o neoliberalismo influencia o currículo escolar, perpetuando desigualdades ao mascarar a realidade e promover a igualdade enquanto, na prática, reforça desigualdades ao ignorar diferenças e multiculturalidade. Este estudo ressalta a importância de uma concepção politécnica de ensino, que alia formação técnica e política, capacitando os trabalhadores a compreenderem seu papel como membros de uma equipe de saúde e a participarem ativamente na gestão e organização do sistema de saúde.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A elaboração deste estudo ocorreu durante a escrita de dissertação em um Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino nas Ciências da Saúde. Assim, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, explorando

trabalhos preexistentes que abordam a temática tentando responder a inquietação: qual a influência da sociedade neoliberal no currículo e nas metodologias de ensino adotadas no ensino superior, especialmente na graduação de Medicina?

Harvey (2008), um dos principais estudiosos do neoliberalismo, define-o como uma teoria de práticas políticas econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor avançado através da liberação de liberdades e habilidades empresariais individuais, dentro de uma estrutura institucional caracterizada por fortes direitos de propriedade privada, livre mercado e livre comércio. O autor argumenta que o neoliberalismo emergiu como uma resposta à crise econômica dos anos 1970. A partir dessa crise, houve uma transição das políticas keynesianas, que enfatizavam a intervenção estatal na economia, para políticas que promoviam a desregulamentação, privatização e retirada do Estado das esferas econômicas. Segundo Harvey (2008), os princípios centrais do neoliberalismo incluem a desregulamentação, por meio da redução das regulamentações governamentais nas economias, permitindo que os mercados operem livremente; a privatização através da transferência de ativos e serviços do setor público para o setor privado, sob o argumento de que o setor privado é mais eficiente; o corte nos gastos públicos, reduzindo os gastos sociais e de bem-estar, com a intenção de reduzir o papel do Estado; e a competitividade e empreendedorismo com a promoção da competitividade e do empreendedorismo como valores centrais da sociedade.

Marrach (1996) argumenta que a hegemonia neoliberal retira da educação pública seu potencial educativo e democrático, promovendo um modelo de gestão que foca na descentralização, na orientação para resultados e na mercantilização de áreas sociais através de políticas de avaliação em grande escala. Para entender melhor o contexto do artigo e a sua relevância no debate sobre educação e neoliberalismo, outros estudos destacam vários aspectos relacionados como, por exemplo, argumentam Muniz *et al.* (2023) no que se refere à relação entre neoliberalismo e políticas educacionais, que a defesa de um Estado forte em um contexto de déficit social e necessidades educacionais no Brasil é um ponto central. Este contexto justifica a adoção de políticas

públicas que tentam equilibrar as demandas sociais com a eficiência promovida pelas práticas neoliberais. Além disso, Santos *et al.* (2022) também expõe como a nova gestão pública e as políticas baseadas em meritocracia, avaliações padronizadas e prestação de contas têm transformado as carreiras docentes na América Latina, promovendo um modelo de regulação neoliberal.

## 2.1 IMPACTOS DO NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO

Lima (2007) discute a influência do neoliberalismo na educação e na docência, particularmente no campo da saúde. Ele argumenta que o neoliberalismo, ao promover uma abordagem individualista e mercadológica, tem impactado significativamente a formação profissional e a prática educativa, desviando-as de uma perspectiva coletiva e democrática. O autor critica a adoção da pedagogia das competências, que surgiu no contexto da flexibilização e integração dos processos produtivos. Essa abordagem valoriza a subjetividade e o saber tácito do trabalhador, contrapondo a qualificação real adquirida no trabalho à qualificação formal da escola. Isso resulta na supervalorização das experiências práticas em detrimento dos conhecimentos acadêmicos, alinhando a formação dos trabalhadores às necessidades do mercado de trabalho, e não às suas necessidades educativas.

O neoliberalismo não deve ser visto apenas como uma estratégia econômica, mas como um regime abrangente de governamentalidade que engloba várias práticas de poder, conhecimento e subjetivação. Essa perspectiva nos permite entender como o neoliberalismo cria sujeitos que se veem como empreendedores de suas próprias vidas, incorporando a ética do autocuidado e do autoaperfeiçoamento contínuo para se alinhar às demandas do mercado. Esse ethos afeta profundamente as práticas educacionais, promovendo uma forma de educação que prioriza habilidades comercializáveis em detrimento do desenvolvimento humano holístico.

No setor saúde, a pedagogia das competências foi facilmente incorporada devido à sua ênfase na experiência e nos aspectos subjetivos da prática, contudo, há questionamentos acerca dessa incorporação como acrítica e

ahistórica, argumentando que ela desqualifica os saberes escolares e força a escola a se adaptar às demandas do mercado, em vez de atender às necessidades educacionais dos alunos. Neste sentido, é preciso que haja uma concepção politécnica de ensino, que alia formação técnica e política, capacitando os trabalhadores a compreenderem seu papel como membros de uma equipe de saúde e a participarem ativamente na gestão e organização do sistema de saúde. Essa perspectiva está baseada na ideia de que a educação deve promover a participação democrática, preparando os futuros profissionais para intervirem na definição e organização do sistema de saúde (Lima, 2007).

A difusão do neoliberalismo no Brasil, especialmente a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso, promoveu uma visão de formação humana que subverte o desejo, a vontade e o conhecimento, emulando uma suposta autonomia e suficiência do sujeito individual. Essa visão se materializou na educação pela adoção da pedagogia das competências, que responsabiliza o indivíduo por sua empregabilidade, desviando a educação de seu papel emancipador e transformador da sociedade. Neste sentido, a luta teórica e ideológica no campo da educação e da saúde é crucial para afirmar os direitos à educação, à saúde e o conhecimento científico e técnico pode ser tanto uma força de dominação quanto um elemento de emancipação humana, sendo essencial para a transformação da sociedade. A escola deve, simultaneamente, inserir os educandos nas malhas culturais da sociedade e levá-los a criticar e superar essa inserção, promovendo uma formação que capacite os indivíduos a serem agentes de transformação social (Lima, 2007).

Especificamente no contexto brasileiro, a partir da década de 1990, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados ao longo dessa década, garantiu-se a função política e ideológica atribuída à educação em um cenário de reconfiguração do capitalismo. A elaboração desses documentos está intrinsecamente ligada às questões de produção do conhecimento e sua relação com o currículo, uma vez que este último define quais conhecimentos são considerados válidos em detrimento de outros, alinhando-se a um determinado projeto de sociedade (Lopes, 2004).

Discutir a relação entre a produção e a transmissão do conhecimento nos leva a investigar o entrelaçamento entre conhecimento e a seleção de partes desse conhecimento para integrar uma proposta curricular. Essa análise suscita perguntas essenciais como: Que tipo de indivíduo formar? Para qual sociedade? O que, como e para quem ensinar?

Costa *et al.* (2021) analisa a influência neoliberal no currículo escolar, a partir de um levantamento bibliográfico de artigos publicados no portal de periódicos da CAPES entre 2010 e 2020 e, os resultados indicam que, apesar da importância do tema, há poucas produções acadêmicas abordando a influência do neoliberalismo na educação. Os autores argumentam que o currículo pode ser utilizado para perpetuar a subjetividade neoliberal, mascarando a realidade ao promover a igualdade enquanto, na prática, reforça desigualdades ao ignorar diferenças e multiculturalidade. Essa perspectiva sugere que o currículo serve aos interesses da classe dominante, contribuindo para a reprodução dos valores hegemônicos na sociedade. Ao encontro

O currículo é uma invenção social como qualquer outra: o Estado, a nação, a religião, o futebol [...] Ele é o resultado de um processo histórico. Em determinado momento, através de processos de disputa e conflito social, certas formas curriculares – e não outras – tornaram-se consolidadas como o currículo. É apenas uma contingência social e histórica que faz com que o currículo seja dividido em matérias ou disciplinas, que o currículo se distribua sequencialmente em intervalos de tempo determinados, que o currículo esteja organizado hierarquicamente [...]. É também através de um processo de invenção social que certos conhecimentos acabam fazendo parte do currículo e outros não. Com a noção de que o currículo é uma construção social aprendemos que a pergunta importante não é "quais conhecimentos são válidos?", mas sim "quais conhecimentos são considerados válidos?" (Silva, 2002, p. 148).

No que se refere à implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, ressaltando como essas políticas refletem a ótica neoliberal. A LDB, por exemplo, normatiza a preparação para o mercado de trabalho, retirando do Estado a responsabilidade pela articulação de políticas públicas educacionais. Já a BNCC estabelece um padrão mínimo de instrução para todas as escolas, o que pode ser visto como uma forma de controle e homogeneização

do conhecimento, em linha com os princípios neoliberais (Costa *et al.*, 2021).

Dessa forma, o neoliberalismo influencia diretamente o currículo escolar, moldando-o para atender às necessidades do mercado e promovendo a privatização dos serviços educacionais. A educação é vista como um investimento desde a infância, com ênfase na autorresponsabilização e na busca por alto rendimento, conceitos centrais no neoliberalismo. Neste sentido, embora exista um reconhecimento da influência neoliberal no currículo, ainda há lacunas significativas na pesquisa sobre o tema. A continuidade desses estudos é importante para promover uma educação mais emancipatória e crítica, capaz de desafiar os interesses dominantes e promover uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido, por exemplo, as DCN de 2001 para o curso de Medicina incorporam várias características associadas ao neoliberalismo. Primeiramente, as diretrizes incentivam as instituições de ensino superior a desenvolverem currículos mais flexíveis e adaptáveis, permitindo maior autonomia às universidades. Essa descentralização pode ser vista como uma forma de alinhar a educação médica às demandas do mercado, promovendo a competitividade entre as instituições de ensino e a busca por eficiência administrativa (Campos, 1999). Além disso, as DCN de 2001 enfatizam a formação baseada em competências, preparando os alunos para serem eficientes e adaptáveis no mercado de trabalho (Lima, 2007).

As políticas educacionais, incluindo as políticas curriculares implementadas pelo Estado, são suscetíveis de contestação, pois as entendemos como produtos dos conflitos sociais. O currículo, sendo resultado de uma seleção de quais conhecimentos serão incluídos ou excluídos, representa um ato de poder e, portanto, é objeto de disputa. Além disso, consideramos a hegemonia como algo provisório e, assim, sujeita a contestação e transformação (Lopes, 2004).

Nesse sentido, a lógica neoliberal prepara profissionais que possam contribuir de forma imediata para a produtividade econômica, muitas vezes sem considerar suficientemente os aspectos éticos e humanísticos da prática médica (Santos *et al.*, 2022). A influência neoliberal nas DCN de 2001 trouxe consigo

várias consequências, a educação médica passa a ser vista como um investimento pessoal e uma mercadoria a ser adquirida, o que pode aumentar as desigualdades sociais e restringir o acesso à formação médica de qualidade a indivíduos de classes socioeconômicas mais altas (Firmino, 2022). A ênfase nas competências técnicas pode desvalorizar uma formação mais ampla e crítica, essencial para o desenvolvimento de médicos empáticos e eticamente comprometidos. O foco na eficiência e na produtividade pode levar a uma desumanização da prática médica (Marrach, 1996).

Firmino (2022), argumenta sobre como a prática neoliberal influencia a educação e perpetua desigualdades sociais no ambiente escolar. O neoliberalismo molda as relações sociais, políticas e econômicas, afetando diretamente o ambiente escolar. Esse impacto é evidenciado pela responsabilização do indivíduo pelo fracasso escolar, ignorando os fatores estruturais e sociais que contribuem para essa realidade. A autora entende que a escola diferencia seus alunos, rotulando alguns como "problema", geralmente oriundos das classes trabalhadoras, perpetuando estereótipos e justificando a exclusão com base em argumentos biológicos e culturais. Com a introdução dos ideais neoliberais na educação, a escola se torna um espaço de formação de indivíduos para o mercado e a educação é fragmentada, privilegiando áreas do conhecimento específicas, como matemática e língua portuguesa, em detrimento de uma formação integral.

Outro elemento que se soma a este quadro se constitui na militarização das escolas e na gestão por Organizações Sociais como exemplos de práticas neoliberais que reforçam a competitividade e a meritocracia, contribuindo para a exclusão de determinados grupos sociais. Esses modelos de gestão são implementados sob o pretexto de melhorar a qualidade do ensino, mas acabam exacerbando as desigualdades. Neste sentido, o neoliberalismo transforma a educação em mercadoria, reduzindo a responsabilidade do Estado e promovendo uma lógica de mercado que acirra as desigualdades sociais (Firmino, 2022).

Marrach (1996) discute como a prática neoliberal molda a educação, promovendo uma série de mudanças estruturais e conceituais que alinham o

sistema educacional às demandas do mercado. O autor argumenta que o neoliberalismo se tornou dominante em um contexto de hegemonia global dos EUA e crescente interligação das economias através do comércio e das novas tecnologias. Enquanto o liberalismo clássico focava nos direitos do homem e do cidadão, o neoliberalismo enfatiza os direitos do consumidor e reduz a participação do Estado na garantia dos direitos sociais, favorecendo uma regressão social e política. Essa prática se alinha com sociedades de cultura política conservadora, como é o caso do Brasil (Silva, 2014).

No campo educacional, o discurso neoliberal promove a ideia de que a educação deve se ajustar às exigências do mercado internacional. Isso inclui a adoção de qualidade total, modernização da escola, e a vocacionalização do ensino. A educação é vista como um meio de preparar a força de trabalho para a competitividade do mercado, incorporando técnicas e linguagens da informática e comunicação. As universidades são incentivadas a buscar financiamento empresarial e focar em pesquisas práticas e utilitárias, reforçando a produtividade e relevância para o mercado (Marrach, 1996).

O neoliberalismo procura transformar a escola em um veículo de transmissão de seus princípios doutrinários, adequando a educação à posição dominante. Essa transformação envolve um maior controle sobre as instituições educacionais para garantir que cumpram sua função de reproduzir a prática neoliberal. Neste sentido, a escola passa a ser um mercado para produtos da indústria cultural e informática, promovendo a privatização e o consumo da educação. Além disso, a retórica neoliberal impõe que a escola funcione como mercado, enfatizando a eficiência administrativa e a competição. A educação deixa de ser vista como um direito social e passa a ser tratada como um produto a ser consumido. As escolas são incentivadas a competir entre si, o que supostamente melhoraria a qualidade do ensino. No entanto, essa competição ignora as desigualdades sociais e econômicas entre as instituições educacionais (Marrach, 1996).

A universidade pública é particularmente afetada por essa prática, sendo pressionada a buscar recursos no setor privado, o que pode levar à elitização do ensino superior e à redução da liberdade acadêmica. A visão neoliberal vê a

educação apenas como um meio de formar trabalhadores para o mercado, uma perspectiva que desvirtua a função educacional de promover a cidadania e a igualdade social. Portanto, no que se refere ao âmbito educacional o neoliberalismo apresenta uma visão tecnicista, reduzindo os problemas sociais a questões de gerenciamento e transformando a educação em um problema de mercado. Essa visão pode levar a uma maior exclusão social e a um enfraquecimento dos direitos sociais e da participação do Estado em políticas educacionais (Marrach, 1996).

## 2.2 FÓRMULAS E EQUAÇÃO

Em termos históricos, as políticas educacionais no Brasil têm uma trajetória marcada por diversas reformas e adaptações ao longo do tempo. Desde o período imperial, com a criação do Colégio Pedro II em 1837, que serviu como modelo de excelência educacional, até a Constituição de 1988, que estabeleceu a educação como um direito de todos e dever do Estado, as políticas educacionais brasileiras foram se moldando para atender às demandas sociais e econômicas do país. No entanto, é a partir da década de 1990 que se observa uma maior influência de políticas neoliberais no setor educacional, com a implementação de reformas que visam à descentralização e privatização do ensino (Barreyro e Carvalho, 2019).

A influência das políticas neoliberais no ensino superior brasileiro se intensificou na década de 1990, com a adoção de medidas que promoveram a privatização e a mercantilização da educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) são exemplos de iniciativas que buscaram ampliar o acesso ao ensino superior, mas que também favoreceram a entrada de instituições privadas no mercado educacional. Estas políticas foram caracterizadas por uma ênfase na eficiência administrativa, competitividade e inserção no mercado global, muitas vezes em detrimento da qualidade e da equidade educacional (De Oliveira, 2021).

As reformas educacionais influenciadas pelo neoliberalismo tiveram impactos significativos na estrutura curricular dos cursos de medicina no Brasil. A adoção de metodologias ativas de ensino, como a PBL e a TBL, foi uma resposta à necessidade de formar profissionais mais adaptáveis às demandas do mercado de trabalho e capazes de resolver problemas complexos em contextos clínicos. No entanto, essas mudanças também trouxeram desafios, como a necessidade de investimentos contínuos em infraestrutura e formação de professores, que muitas vezes não são atendidos adequadamente, especialmente em instituições públicas (Campos, 1999).

Essas reformas buscaram alinhar a formação médica às necessidades do sistema de saúde, promovendo integração entre teoria e prática e um enfoque na atenção primária à saúde. Contudo, a pressão por resultados rápidos e a falta de recursos adequados muitas vezes comprometem a implementação efetiva dessas metodologias, levando a uma educação que pode ser superficial e descontextualizada (Barreyro e Carvalho, 2019).

Já no que se refere à história das metodologias de ensino na medicina no Brasil remonta à fundação das primeiras escolas de medicina, como a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1919. A trajetória da educação médica no país passou por diversas fases de evolução, influenciadas por contextos históricos, políticos e econômicos específicos. No início, o ensino médico brasileiro baseava-se fortemente em metodologias tradicionais, com ênfase na transmissão de conhecimento por meio de aulas expositivas e pouca interação prática com os pacientes (Miranda, 2010).

Miranda (2010) apresenta uma visão cronológica do desenvolvimento da prática médica, da organização dos serviços de saúde e do ensino médico no Estado do Pará, Brasil, desde a chegada de Francisco Caldeira Castelo Branco, em 1616, até a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1919. Conforme argumenta a autora, antes de 1808, não havia ensino médico oficial no Brasil. A criação da Escola de Cirurgia da Bahia em 1808, e posteriormente outras faculdades, foi um marco importante. A Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará foi fundada em 1919, refletindo a necessidade de formação de profissionais de saúde capacitados para atender a crescente demanda regional.

Fundada em 1914, a Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará teve um papel crucial na promoção da ética médica, organização de congressos e difusão de conhecimentos científicos.

Nas últimas décadas, houve uma significativa transformação nas metodologias de ensino médico, com uma transição das abordagens tradicionais para metodologias ativas. Este movimento foi impulsionado pela necessidade de formar médicos mais preparados para enfrentar os desafios do sistema de saúde. As metodologias ativas, como a PBL e a TBL, começaram a ser adotadas em várias universidades brasileiras a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Essas metodologias focam na participação ativa dos estudantes, com a premissa de um aprendizado mais profundo e contextualizado (Campos, 1999).

Conforme argumenta Campos (1999) na Universidade Estadual de Londrina (UEL) a partir de 1998 foi implementado um novo currículo, que adotou a metodologia de aprendizagem baseada em problemas (PBL - Problem-Based Learning), orientada para a comunidade e centrada nas necessidades dos estudantes. A mudança visou melhorar a qualidade do ensino médico, integrando as disciplinas e alinhando o conteúdo curricular com o perfil epidemiológico regional e as necessidades da comunidade.

O processo de transformação curricular foi longo, intenso, envolvendo ampla participação de professores, estudantes e a comunidade. Outros movimentos de mudança curricular estavam acontecendo de forma concomitante no Brasil, por exemplo, a iniciativa UNI, realizada na Faculdade de Medicina de Botucatu, apoiada pela Fundação Kellogg, catalisou e direcionou algumas mudanças. O novo currículo proposto é centrado no estudante, com o professor atuando como facilitador do processo de ensino-aprendizagem. A pedagogia da interação substitui a transmissão passiva de conhecimentos, promovendo uma inversão da clássica ordem teoria-prática, onde o conhecimento é adquirido a partir da prática (Campos, 1999).

A implementação do novo currículo enfrentou vários desafios, incluindo resistência às mudanças, desvalorização do ensino médico na graduação, insuficiente capacitação docente e necessidade de melhor integração dos

cenários de saúde e aprendizagem. A resistência às mudanças foi variada, desde satisfação com o modelo tradicional até sobrecarga de novas tarefas. A avaliação no novo currículo é contínua, sistemática e integral, abrangendo aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores. Inclui autoavaliação, avaliação interpares e avaliação do professor pelos alunos, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento do aluno e garantir a aquisição de competências profissionais e valores sociais.

O currículo é estruturado em módulos, permitindo a interdisciplinaridade e a integração de conteúdos básicos e clínicos com os problemas prioritários de saúde da população. Cada módulo é desenvolvido em semanas, com atividades pré-programadas e a utilização da técnica dos "sete passos" para a discussão de problemas. A implementação do novo currículo envolveu uma mudança organizacional para um gerenciamento matricial, combinando autonomia e liberdade acadêmica com uma missão central clara. Este modelo permite um equilíbrio entre as diversas ações e necessidades dos cursos, favorecendo a inovação e a flexibilidade (Campos, 1999).

A adoção de metodologias ativas na educação médica para operacionalizar o novo currículo foi justificada por diversos fatores. Em primeiro lugar, proporcionam um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, que facilita a retenção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades críticas. Além disso, essas metodologias estimulam a autonomia dos alunos, preparando-os para a prática médica real, onde a capacidade de resolver problemas complexos e trabalhar em equipe é essencial. Estudos indicam que estudantes de medicina que passam por currículos baseados em metodologias ativas tendem a desenvolver melhor suas competências clínicas e a demonstrar maior empatia e compreensão das necessidades dos pacientes (Oliveira, 1991; Campos, 1999).

No entanto, é importante elucidar que tais metodologias reforçam a eficiência, a competitividade e a redução do papel do Estado reforçando os ideais neoliberais. Essas mudanças metodológicas são também uma resposta às DCN, que exigem profissionais preparados para atuar em um sistema de saúde. As

metodologias ativas, ao integrarem teoria e prática, contribuem para a formação de médicos adaptáveis em um mercado de trabalho competitivo (Campos, 1999).

Neste sentido, as mudanças promovidas pelo neoliberalismo na formação médica não afetam apenas o ambiente educacional, mas também têm repercussões na prática profissional e na qualidade do atendimento. A pressão por resultados e a competitividade intensa podem levar a uma formação superficial e descontextualizada, impactando negativamente a capacidade dos médicos de oferecerem um atendimento de qualidade. Além disso, o foco na eficiência e na produtividade pode desumanizar a prática médica, conforme discutido por Santos (2018), criando um ambiente onde o valor econômico e a competitividade prevalecem sobre a empatia e a qualidade do cuidado. Essa mercantilização da educação médica pode resultar em profissionais menos preparados para lidar com as complexidades do atendimento de saúde e menos comprometidos com a ética profissional.

A mercantilização da educação médica, promovida pelas políticas neoliberais, traz consigo diversas consequências. A educação médica é cada vez mais vista como um investimento pessoal e uma mercadoria a ser adquirida, o que pode aumentar as desigualdades sociais e restringir o acesso à formação médica de qualidade a indivíduos de classes socioeconômicas mais altas (Firmino, 2022).

Essa visão mercantilizada pode também desvalorizar a formação integral e humanística dos médicos, privilegiando habilidades técnicas e conhecimentos específicos em detrimento de uma formação mais ampla e crítica. A ênfase no auto responsabilidade e na performance individual, central no contexto neoliberal, pode minar a cooperação e a solidariedade entre os profissionais de saúde, essenciais para um sistema de saúde eficaz e equitativo (Marrach, 1996). Neste sentido, as políticas neoliberais têm moldado a formação e prática profissional dos médicos de maneiras que podem comprometer tanto a qualidade da educação quanto a do atendimento médico. Para mitigar esses efeitos, é importante promover um equilíbrio entre eficiência e equidade, assegurando que a formação médica continue a valorizar a qualidade, a ética e o compromisso social.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neoliberalismo, ao emergir como uma resposta às crises econômicas dos anos 1970, trouxe consigo uma série de mudanças profundas nas políticas econômicas e sociais de diversas nações, impactando também a esfera educacional. Caracterizado por uma forte ênfase no livre mercado, desregulamentação, privatização e redução do papel do Estado, o neoliberalismo tem sido alvo de intensos debates e críticas, especialmente no contexto da educação. As transformações promovidas têm implicações significativas, não apenas na gestão educacional, mas também na própria concepção de educação e na formação de futuros profissionais.

A análise dos impactos do neoliberalismo na educação revela uma série de desafios e contradições. Por um lado, a descentralização administrativa e a orientação para resultados, defendidas pelas políticas neoliberais, visam aumentar a eficiência e a competitividade das instituições educacionais. Por outro lado, essas mudanças frequentemente resultam em uma gestão que privilegia a mercantilização da educação, conforme argumenta Marrach (1996), retirando da educação pública seu potencial educativo e democrático. A ênfase na eficiência e competitividade, em detrimento da equidade e do bem-estar coletivo, tem sido uma das principais críticas às reformas educacionais neoliberais.

Os impactos ideológicos e afetivos do neoliberalismo na educação são amplamente evidenciados pela adoção de metodologias ativas de ensino, como a PBL e a TBL, especialmente na formação médica. Embora essas metodologias sejam vistas como formas de preparar profissionais mais adaptáveis e preparados para o mercado de trabalho, elas também trazem desafios significativos, como a necessidade de investimentos contínuos em infraestrutura e formação de professores. Essa realidade é especialmente crítica em instituições públicas, onde os recursos muitas vezes são limitados, comprometendo a implementação efetiva dessas metodologias.

Além disso, a mercantilização da educação imposta pelo neoliberalismo perpetua desigualdades sociais e econômicas. A visão neoliberal responsabiliza

os indivíduos por seu sucesso ou fracasso, ignorando os fatores estruturais que contribuem para essas realidades. Firmino (2022) argumenta que o neoliberalismo molda as relações sociais, políticas e econômicas, afetando diretamente o ambiente escolar ao privilegiar habilidades técnicas e conhecimentos específicos em detrimento de uma formação integral e humanística. Essa abordagem não apenas aumenta as desigualdades sociais, mas também restringe o acesso à formação de qualidade a indivíduos de classes socioeconômicas mais altas.

No contexto das políticas educacionais, a análise dos currículos escolares e das diretrizes como a LDB e a BNCC revela como o neoliberalismo influencia a estrutura educacional. A LDB, por exemplo, normatiza a preparação para o mercado de trabalho, retirando do Estado a responsabilidade pela articulação de políticas públicas educacionais. Já a BNCC estabelece um padrão mínimo de instrução para todas as escolas, o que pode ser visto como uma forma de controle e homogeneização do conhecimento, em linha com os princípios neoliberais. Conforme Costa *et al.* (2021), essas políticas podem perpetuar desigualdades ao mascarar a realidade e promover uma falsa igualdade.

A mercantilização da educação médica, promovida pelas políticas neoliberais, traz consigo diversas consequências. A educação médica é cada vez mais vista como um investimento pessoal e uma mercadoria a ser adquirida, o que pode aumentar as desigualdades sociais e restringir o acesso à formação médica de qualidade. Essa visão mercantilizada pode desvalorizar a formação integral e humanística dos médicos, privilegiando habilidades técnicas e conhecimentos específicos em detrimento de uma formação mais ampla e crítica. A ênfase na autorresponsabilização e na performance individual, pode minar a cooperação e a solidariedade entre os profissionais de saúde, essenciais para um sistema de saúde eficaz e equitativo.

No âmbito da formação e prática profissional dos médicos, as políticas neoliberais têm moldado as relações de trabalho de maneira que pode comprometer a qualidade do atendimento médico. A pressão por resultados e a competitividade intensa podem levar a uma formação superficial e descontextualizada, impactando negativamente a capacidade dos médicos de

oferecerem um atendimento de qualidade. Além disso, o foco na eficiência e na produtividade pode desumanizar a prática médica, criando um ambiente onde o valor econômico e a competitividade prevalecem sobre a empatia e a qualidade do cuidado. Essa mercantilização da educação médica pode resultar em profissionais menos preparados para lidar com as complexidades do atendimento de saúde e menos comprometidos com a ética profissional.

Para mitigar os efeitos negativos do neoliberalismo na educação, é fundamental promover um equilíbrio entre eficiência e equidade. Assegurar que a formação educacional continue a valorizar a qualidade, a ética e o compromisso social é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Portanto, a luta teórica e ideológica no campo da educação é crucial para afirmar os direitos à educação, à saúde e ao conhecimento científico e técnico. Esses elementos podem ser tanto uma força de dominação quanto um elemento de emancipação humana, sendo essenciais para a transformação da sociedade. A escola deve, simultaneamente, inserir os educandos nas malhas culturais da sociedade e levá-los a criticar e superar essa inserção, promovendo uma formação que capacite os indivíduos a serem agentes de transformação social. Assim, a educação, sob a perspectiva neoliberal, deve ser reavaliada para garantir que os princípios de equidade, justiça social e formação integral sejam prioritários na construção de um sistema educacional verdadeiramente democrático e inclusivo.

## REFERÊNCIAS

- BARREYRO, Gladys Beatriz; CARVALHO, Marília Pinto. Políticas educacionais: privatização do ensino e rotatividade docente. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, 2019. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2019/11/14/politicas-educacionais-privatizacao-do-ensino-e-rotatividade-docente/>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- CAMPOS, João José Batista. Como abrir caminhos para a transformação do ensino médico no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Londrina, v. 23, n. 2-3, p. 11-16, 1999. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1981-5271V23.2-3-002>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- COSTA, Aryjane Millena Coelho *et al.* O currículo e a influência neoliberal na educação. **Salão do Conhecimento**, v. 7, n. 7, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/21078/19789?app=20240404bull-slot.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- DE OLIVEIRA, Graciele Almeida. Desigualdade educacional no acesso ao ensino superior é marcada por aspectos estruturais étnico-raciais. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, 2021. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2021/09/02/desigualdade-educacional-no-acesso-ao-ensino-superior-e-marcada-por-aspectos-estruturais-etnico-raciais/>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- FIRMINO, Isabella Kethuly Spindola. Neoliberalismo: escola como reprodutora das desigualdades. **Revista Inter-Ação**, v. 47, n. 1, p. 218-233, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/70661>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- HARVEY, David. O neoliberalismo. **História e implicações. São Paulo: Loyola**, p. 172-178, 2008.
- LIMA, Júlio César França. Neoliberalismo e formação profissional em saúde. **Trabalho Necessário**, v. 5, n. 5, p. 1-16, 2007.
- LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? **Revista Brasileira de Educação**, n.26, pp.109-118, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/bjF9YRPZJWWyGJFF9xsZprC/>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- MARRACH, Sonia Alem *et al.* Neoliberalismo e educação. **Infância, Educação e Neoliberalismo. São Paulo: Cortez**, p. 42-56, 1996.
- MIRANDA, Aristoteles Guilliod. A medicina no Estado do Pará, Brasil: dos primórdios à Faculdade de Medicina. **Revista Paraense de Medicina**, Belém, v. 1, n. 3, p. 19-28, 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232010000300002>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MUNIZ, Darluce Andrade de Queiroz *et al.*. Neoliberalismo e educação: origem, movimento e resistência. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 5, n. 3, p. 70–88, 2023. DOI: 10.56579/rei.v5i3.589. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/589>. Acesso em: 13 jun. 2024.

DE OLIVEIRA, J. E. Learning and teaching medicine. Brazilian experiences and the new pathways at Harvard. **AMB: Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 37, n. 3, p. 127-131, 1991. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1668539/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SANTOS, Ana Paula de Souza *et al.* A relação entre o neoliberalismo e o paradigma da qualidade da educação. **Educação**, v. 45, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/39548>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SANTOS, Serafim Barbosa. Alienação no trabalho médico no enfoque da humanização-desumanização. **Caderno Saúde Pública**, n.24, v.12, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Yhx4qcsVMGRvsYjhqGQJBvk/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SEGENREICH, Stella Cecilia Duarte. A invasão silenciosa da EAD nos cursos de graduação presenciais no Brasil: questões de gestão e avaliação. **Cadernos ANPAE**, 2014. Disponível em: [https://anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT2/GT2\\_Comunicacao/StellaCeciliaDuarteSegenreich\\_](https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT2/GT2_Comunicacao/StellaCeciliaDuarteSegenreich_). Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVA, Rodrigo Manoel dias. As políticas culturais brasileiras na contemporaneidade: mudanças institucionais e modelos de agenciamento. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 11-28, 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000100011>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.38645>. Acesso em: 21 jun. 2024.

VILLARDI, Maria Lemos; CYRINO, Eliana Goldfarb; BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Mudança de paradigma no ensino superior em saúde e as metodologias problematizadoras. **A problematização em educação em saúde: percepções dos professores tutores e alunos [online]**. São Paulo: Editora UNESP, p. 23-44, 2015.